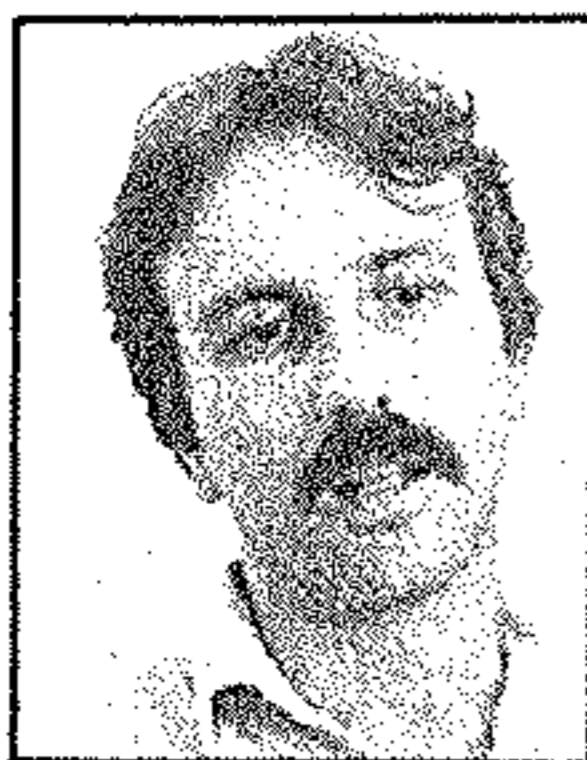


# Mercúrio ameaça 120 mil pessoas em Mato Grosso

JOEL SANTOS

**— CUIABÁ —**  
Concentradas nos organismos dos peixes, as 40 toneladas de mercúrio, utilizados na queima do ouro e lançadas nos rios e córregos próximos as áreas de garimpo,



O coordenador Paulo Leite

ameaçam a saúde de 120 mil pessoas que formam a população ribeirinha do norte do Mato Grosso. Além disso, pelo menos 10 por cento dos 150 mil garimpeiros existentes no Estado, estão contaminados pelo produto, o que explica o aumento dos casos de câncer entre a categoria.

A denúncia é do próprio Coordenador de Meio Ambiente do Governo de Mato Grosso, Paulo Leite. Ele alerta que, além de ameaçar a saúde da população ribeirinha e garimpeiros, a atividade extrativa exercida de forma irracional está destruindo de maneira criminosa o meio ambiente da região.

— A retirada de material (cascalho) das barrancas do rio já assoreou centenas de córregos e lagoas e provocou o desaparecimento de pelo menos 10 nascentes de água nas regiões de Peixoto Azevedo e Alta Floresta — informou.

Segundo moradores e pescadores locais, várias espécies de peixes migradores não são mais capturados em pontos à montante dos despejos. Os peixes que ainda sobrevivem estão contaminados pelo mercúrio e, quando consumidos, certamente afetam a saúde da população. O trabalho dos técnicos da Coordenadoria de Meio Ambiente de Mato Grosso comprova a existência de extensas áreas irrecuperáveis.

— A descaracterização dos igarapés pode ser visualizada em suas cabeceiras pela derrubada da cobertu-

ra vegetal (matas ciliares). Esta situação vem comprometendo todo o manancial de inúmeras localidades — alertam os técnicos.

Eles lembram ainda que nos baixos cursos de igarapés, onde anteriormente haviam áreas consideráveis de matas alagadas, hoje resta apenas uma planície de inundação completamente assoreada e morta. Esse trabalho realizado pelo órgão em toda a região garimpeira mostra claramente que a mecanização agravou os problemas e que, se nenhuma providência for tomada, grande rios da região terão sua flora e fauna completamente dizimadas.

Paulo Leite conta que, a partir de 1981, quando a quase totalidade dos garimpos do norte do Estado encontravam-se mecanizados, os problemas ambientais evoluíram de maneira alarmante. O maior volume de material lavrado multiplicou, consequentemente, a utilização do mercúrio. Ele lembra que antes da mecanização dos garimpos suas atividades estavam limitadas a determinados tipos de depósitos.

— Nessa época o processo de garimpagem era desenvolvido somente sobre o leito de pequenos córregos e igarapés. Estes depósitos eram lavrados manualmente e, portanto, comparativamente, o impacto ambiental negativo decorrente do trabalho manual era menor que o provocado pelas máquinas — explicou.

De acordo com Paulo Leite, dois homens retiram por mês das barrancas ou do leito dos rios 100 metros cúbicos de cascalho, enquanto um par de máquinas retira no mesmo período um mil e 800 metros cúbicos.

O trabalho da Coordenadoria de Meio Ambiente do Mato Grosso revela ainda que empresários disfarçados de garimpeiros, após a exaustão dos depósitos de canal, estão avançando suas frentes de lavras sobre as barrancas, entulhando todo os corpos d'água com rejeitos. Isso acontece principalmente na exploração aurífera conduzida nos rios Peixotinho e Braço Norte.



O que antes era área alagadiça do Pantanal foi transformado em deserto pela poluição dos garimpos mecanizados

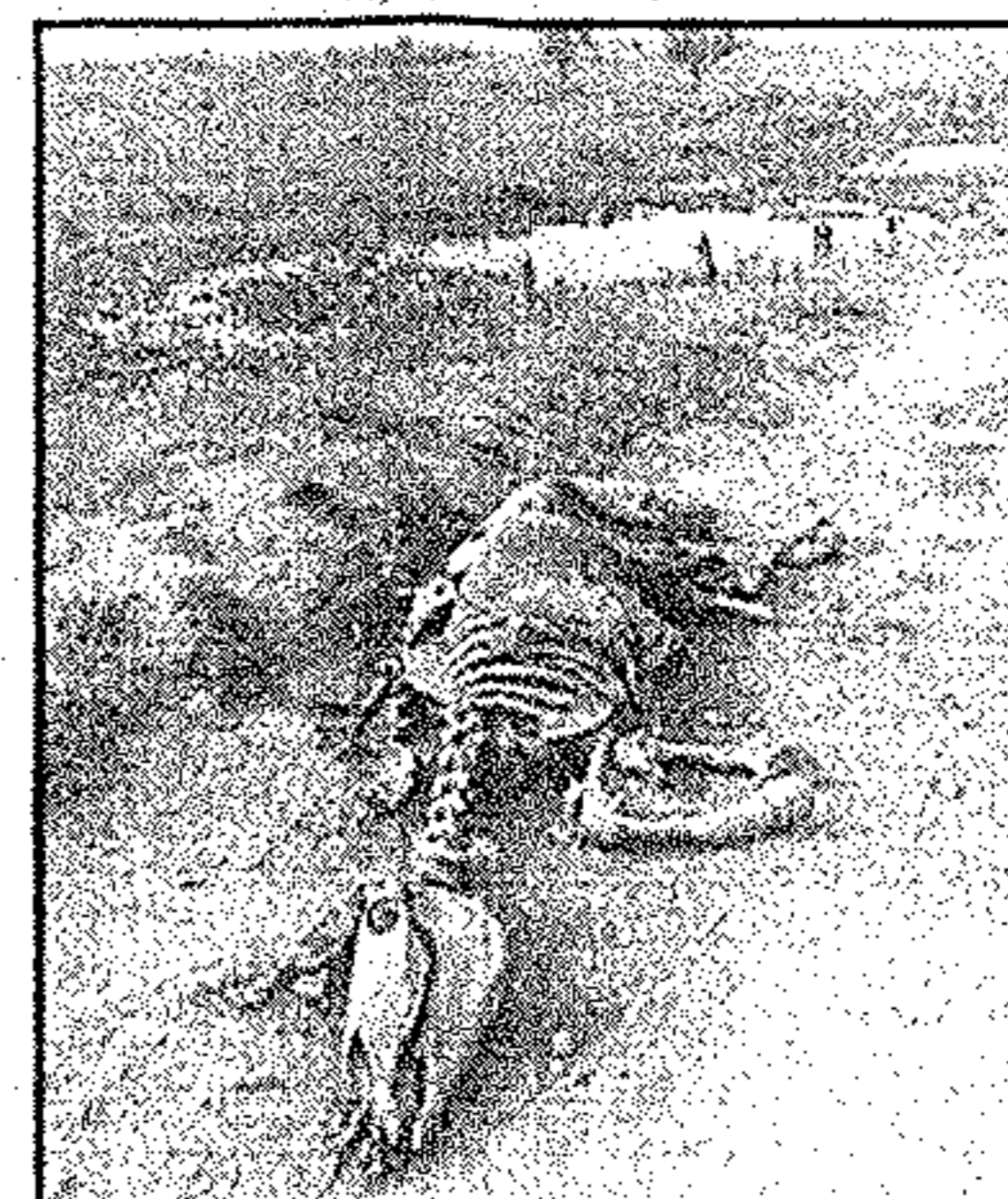
## GANÂNCIA E DESTRUIÇÃO NA MAIOR RESERVA ECOLÓGICA DO MUNDO

### Garimpos fecharam mas problemas continuam

Alegando que "meia dúzia de gananciosos não podem continuar acumulando fortunas as custas da destruição da maior reserva ecológica do mundo", o Governador de Mato Grosso, Carlos Bezerra, determinou há cerca de um mês o fechamento de todos os garimpos existentes nos municípios de Poconé e Livramento, localizados em pleno Pantanal.

Com a medida, ele colocou um fim no processo de desertificação de algumas áreas do Pantanal que antes eram imensas lagoas com dezenas de espécies de peixes. Em Livramento, por exemplo, apenas um dos garimpos fechados lavava mensalmente seis milhões de metros cúbicos de calcáreo, posteriormente jogados nos rios, fazendo com que três deles simplesmente desaparecessem.

Caso semelhante aconteceu em Poconé. Ali houve o rompimento da bacia de contenção de rejeitos, devido ao au-



A água contaminada mata o gado

mento contínuo do volume de material trabalhado e o período coincidente com o de chuvas. Este fato resultou em graves consequências ambientais e prejuí-

zos para os produtores e pecuaristas da região.

— Nesses anos em que os garimpos trabalharam a pleno vapor o mercúrio contaminou diversas espécies de peixes e dizimou centenas de aves aquáticas. Isso sem contar que certamente grande parte dos 12 mil habitantes de Poconé, que têm no peixe a sua principal fonte de alimento, está em maior ou menor grau contaminada pelo mercúrio — revelou o Coordenador de Meio Ambiente de Mato Grosso, Paulo Leite.

Segundo ele, apesar do fechamento dos garimpos, as sequelas causadas ao meio ambiente do Pantanal ainda podem ser observadas: rios desapareceram, a erosão destruiu milhares de hectares de pastagens nativas e até hoje o gado morre quando bebe água de rios e lagos próximos as áreas de garimpo. Isso demonstra como o efeito residual do mercúrio é perigoso.